



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO HUAMNIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIANA OLIVEIRA DA SILVA

FAMÍLIA E ESCOLA: Mediadores na construção da criança negra

**GUARABIRA
2016**

MARIANA OLIVEIRA DA SILVA

FAMÍLIA E ESCOLA: Mediadores na construção da criança negra

Trabalho de Conclusão de Curso
Universidade Estadual da Paraíba, c
requisito parcial à obtenção do título
Licenciatura Plena em Pedagogia.
Área de concentração: Formação Docente.

Orientador: Prof. Dra. Ivonildes da
Fonseca

**GUARABIRA
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586f Silva, Mariana Oliveira da
Família e escola [manuscrito] : mediadores da criança negra /
Mariana Oliveira da Silva. - 2016.
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Ivonildes da Silva Fonseca, Departamento de
Pedagogia".

1. Racismo na Escola. 2. Combate ao Racismo. 3.
Preconceito Racial. I. Título.

21. ed. CDD 305

MARIANA OLIVEIRA DA SILVA

FAMÍLIA E ESCOLA: Mediadores na construção da criança negra

Monografia apresentada à Coordenação de Pedagogia do Centro de Humanidades Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Formação Docente.

Aprovada em: 14 / 12 / 2016.

BANCA EXAMINADORA

Ivonildes da Silva Fonseca

Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sheila Gomes de Melo

Profa. Me. Sheila Gomes de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Marta Furtado da Costa

Profa. Dra. Marta Furtado da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA /PB2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceber a oportunidade de cursar o curso de licenciatura plana em pedagogia.

Depois agradeço a minha mãe Maria das raças, que por toda a compreensão, e dedicação, dado todo apoio para que nunca chegasse ao ponto de desistir do curso.

E também agradeço ao meu pai Sebastião Laurentino por não ter deixado me faltar nada.

Também, não posso deixar de citar e agradecer a meu esposo Adailson Lima, que passou a comungar junto dos mesmos sonhos e me ajudar nas batalhas que apareceram durante a jornada, mostrando-se presente companheiro nas horas mais necessitadas.

Agradeço aos meus irmãos Arimateia Oliveira e Aryan Oliveira, pelas dicas, aprendizado compartilhados.

A minha irmã Marina Oliveira, por ter entendido que precisava de tempo, para fazer as atividades curriculares, a fazia todo o serviço domestico por mim.

À professora Ivonildes pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, e compreensão.

Aos colegas de classe pela amizade e apoio, conservados durante todos momentos, agradáveis e não agradáveis, mas que foram passados juntos, um dando forças para o outro.

[...]o silêncio do professor, quando ocorre manifestação de preconceito racial, mostra o despreparo para lidar com situações de discriminações raciais”. (LIMA, 2011.)

RESUMO

Esta Monografia pretendeu discutir o racismo na escola ainda na fase infantil. Para desenvolvê-la foram trabalhados os conceitos de racismo, preconceito e discriminação por estes estarem de forma inseparáveis nas ações racistas. Identifica-se que as práticas discriminatórias na escola são incentivadas desde a formação do Brasil e que, na sociedade atual, a família e a escola têm importantes contribuições para fazer com que o sofrimento das crianças negras seja poupado e dessa forma elas possam crescer com as suas identidades positivas. O trabalho, além da pesquisa bibliográfica com a utilização de escritos específicos ao tema, tem dados de uma entrevista realizada na Escola Municipal Educador Paulo Freire, situada na zona rural, em uma comunidade quilombola, no município de Dona Inês/Paraíba.

Palavras-chave: racismo na escola; práticas de combate ao racismo; preconceito racial na escola.

ABSTRACT

This monograph intended to discuss racism in school still in the infant stage. To develop it were worked out the concepts of racism, prejudice and discrimination, these are inseparable from the racist actions. It finds that discriminatory practices in school are encouraged since the formation of Brazil and that, in today's society, the family and the school have important contributions to make the suffering of black children be spared and this way they can grow with their positive identities. The work, in addition to the literature with the use of written specific to the subject, has data from an interview held at the Municipal School Educator Paulo Freire, located in the countryside, in a quilombo in the municipality of Dona Ines/Paraíba.

Keywords: racism at school; to combat racism practices; racial prejudice at school.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	10
2- RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO: conceitos que se ajustam na prática	12
3 - FAMÍLIA E ESCOLA JUNTAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE POSITIVA DA CRIANÇA	18
3.1 -A ESCOLA: UM DOS MELHORES ESPAÇOS PARA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO , DO PRECONCEITO E DA DISCRIMINAÇÃO.....	19
4 -A ESCOLA MUNICIPAL EDUCADOR PAULO FREIRE E A TEMÁTICA ETNICO-RACIAL.....	24
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6- REFERENCIAS	30

1 – INTRODUÇÃO:

Este trabalho de conclusão de curso emergiu da inquietação de pesquisar sobre porque ainda é predominante em meio à época em que vivemos as práticas de racismo, preconceito e discriminação, e para dar credibilidade ao nosso trabalho procuramos nos apoiar em uma pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo para coletar dados que reforçasse a realidade pesquisada.

A questão de saber se o profissional da Escola Municipal Educador Paulo Freire (campo de pesquisa), está trabalhando para construir a identidade positiva da criança negra e construir este texto procuramos nos apoiar em autores que correspondessem a nossa linha pesquisa. Então nos apropriamos de leituras para embasamento teórico com os seguintes autores: FERREIRA, BITTAR, 1999, que nos concedem em seu texto aspectos da educação dada pelos jesuítas, no período colonial, e nos mostra a dura realidade dos negros daquela época. Também foram feitas leituras do Decreto Nº 1331, de 17 de fevereiro de 1854, que nos dá um breve relato da educação para os povos negros, tendo em vista, que nesse momento não tinha educação formal para as crianças negras, pois as mesmas eram proibidas de frequentarem as escolas. Fizemos leitura também dos textos de KABENGELE MUNANGA; NILMA LINO GOMES (2006) foi por meio desse texto percebemos, que podemos sim combater as práticas de racismo, preconceito e discriminação, por meio das leis desde que elas possam ser cumpridas, e por meio de ações afirmativas, para resgatar o que é do povo negro, que lhes foram tirados, no passado. Também foram feitas leituras de, (SILVA, 2009) e também de (SANT'ANA ; TEJO, 1998).

Então, com este trabalho temos como objetivo discutir alguns conceitos de racismo, discriminação, e preconceito, sabendo que isto pode ser corrigido, e dessa maneira intitulamos profissional da educação em especial aqueles que trabalham com educação infantil e séries iniciais, para ajudar a combater tais práticas; e como também a importância, que os pais têm diante dos filhos, para em parceria com a comunidade escolar, também serem um concorrente forte e apoiar os professores nessa caminhada e também desempenhar o papel de ser também um construtor da identidade dos/as seus/suas filhos/as tornando-os/as, seres conhecedores de seus direitos, e que possam se defender, de pessoas perversas.

A finalidade deste trabalho é mostrar que as entidades escolares, e os pais, todos no modo geral, precisam estar unidos, para combater tais praticas, que promove as pessoas, exclusão, desigualdade, etc. Pois isto é algo que deve ser abolido e não mais existir, não podemos deixar que mais pessoas sofram, por que fisicamente não é igual a o outro, e as crianças precisam ser sabedoras disso para que não pratique futuramente, preconceito, bullying, com seus amigos.

2- RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO: conceitos que se ajustam na prática.

O racismo é considerado um crime, que em sua prática exclui pessoas, do convívio social, e se manifesta de várias maneiras, nas situações as mais diversas, a exemplo de na sala de aula, uma pessoa não quer estar perto de outra por conta de sua cor de pele. É importante afirmar que toda e qualquer ação que tenha palavras ofensivas com apelidos desagradáveis, que atinja a pessoa por causa do tom da pele, do tipo de cabelo e com isso a coagindo, diminuindo a sua condição de pessoa humana e lhes privando de seus direitos, isto sem dúvida são práticas de racismo, preconceito e discriminação.

O racismo é tão prejudicial que foi elaborada uma lei para punir que tem esse comportamento. Então, por meio da lei 7.716/1989, o crime de racismo ao ser cometido e julgado passa a ser inafiançável. Ou seja, significa que não se tem um pagamento de multa para quem cometer racismo, para com as pessoas negras.

O racismo define-se em ser uma discriminação, social para com as pessoas, e consistem em tentar, pregar que existem sim muitas raças, e, nesse conjunto de muitas raças, há uma única “superior” às demais e esta tem o direito de domina-las. Assim é o pensamento racista.

Assim como foi feito aqui no Brasil, por muitos anos, de maneira que escravizaram os povos negros, com o discurso, que as pessoas de cor negra fossem inferiores e lhes deviam obediência, e fidelidade. Dessa forma sabemos não é certo, pois todos nasceram livres, e deveriam viver em liberdade. Embora não possamos falar de racismo durante a escravidão no Brasil porque não havia a teoria mas o tratamento cruel que foi dado às pessoas escravizadas serviram para a formulação da teoria racista.

No período imperial, por volta de 1854. DECRETO Nº 1.331-A, DE 17 DE FEVEREIRO DE 1854 havia uma lei pela legislação do império que proibia os negros de frequentar a escola, pois eles eram sopesados a única mão de obra e não podiam deixar de trabalhar. E eram considerados seres doentes enfermos que poderiam transmitir doenças. Tudo isso era assegurado pela lei complementar a Constituição de 1824, que proibia totalmente a frequência de pessoas negras nas escolas.

A exclusão do povo negro no ambiente escolar pode ser constatada, no decreto lei do ministro do império nº **1331-A, 7 de 31**, no ano **1854** conhecida como reforma *Couto Ferráz*, que regulamentava a reforma do ensino primário e secundário. No artigo 69 dessa lei estabelecia, a proibição das matricula e também das frequências de crianças negras nas escolas, transmissoras de moléstias, e meninos não vacinados, tanto nas públicas como nas privadas, olha o tamanho do absurdo para com essas crianças, e mesmo que esses menores não fossem crianças escravas ainda sim também não poderiam estudar.

A proibição de estudar vem junto com condições de saúde o que deixa evidente que as pessoas negras eram consideradas indesejáveis, perigosas, da mesma forma que uma doença contagiosa.

Art. 69. Não serão admitidos á matrícula, nem poderão frequentar as escolas:

§ 1º os meninos que padecem moléstias contagiosas.

§ 2º os que não tiveram sido vacinados.

§ 3º os escravos. (BRASIL, Decreto nº 1331, A de 17 de fevereiro, de 1854)

A escolarização na época em que o Brasil ainda era uma colônia também não aconteceu diferente, as práticas de discriminação, preconceitos estavam presentes e persistiram até hoje. Na colônia, as crianças eram educadas pelos colégios de padres, “os jesuítas”, responsáveis para educar as crianças, dentre elas estavam, as mamelucas, indígenas mulatas e brancas. Os padres procuravam essas crianças para educarem formalmente, levar as crianças a adquirirem conhecimentos, mas deixaram excluídos negros e moleques retintos.

[...] E procura recolher aos seus colégios esses joões-felpudos. Foi uma heterogênea população infantil a que se reuniu nos colégios dos padres nos séculos XVI e XVII: filhos de caboclos arrancados aos pais; filhos de normandos encontrados nos matos; filhos de portugueses; mamelucos meninos órfãos vindos de Lisboa. Meninos louros sardentos, pardos morenos, cor de canela. Só negros e moleques parecem ter sido barrados nas primeiras escolas jesuíticas. Negros e moleques retintos.[...]. (FERREIRA JUNIOR ; BITTAR, 1999 p.473,).

As escolas que iniciavam o processo de alfabetização das crianças eram localizadas nos centros das fazendas da companhia de Jesus. Essas escolas eram consideradas importantes para os padres porque tinha o objetivo de catequizar e convertê-las, mas não apenas só isso eles tinham o dever realizar a catequese mais também ensinar a ler escrever e contar, crianças.

Essas crianças eram fruto da política que a Companhia adotava com os seus escravos, ou seja: "os jesuítas davam perfeita liberdade aos seus escravos para escolherem as noivas e noivos, sem se preocuparem com a cor azeviche africana ou o bronze indígena. Mas a lei era que se casasse cada qual dentro da sua categoria social" (Leite, 1945, p. 59; grifos nossos). (FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 1999 p.474,).

A escolarização dada pelos padres durou por muitos anos, eles dominaram o sistema educacional, por 210 anos, isso explica o modelo de educação que temos, onde acontece o desrespeito para com o próximo a não aceitação das diferenças, de modo que o pré-conceito e a discriminação é o que prevalece, sendo assim afirmam :FERREIRA JUNIOR; BITTAR, 1999 p. 479:

O projeto educacional da Companhia de Jesus, implantado no Brasil Colonial, estava a serviço de uma ordem social violenta. O processo de aculturação e conversão ao cristianismo imposto pela Igreja Católica tanto ao índio quanto ao negro visava apenas construir o império colonial jesuítico-lusitano. Esta relação existente entre educação e violência, no contexto histórico do período colonial, reveste-se de importância fundamental pois, a formação social brasileira é marcada profundamente por um brutal processo de exploração autoritário exercido pelas elites dominantes sobre as classes subalternas. Não só contra os "gentios" que habitavam a: terras brasílicas desde os tempos imemoriais, mas, também, contra os negros desafricanizados. (FERREIRA JUNIOR ; BITTAR, 1999 p. 479)

Com o decreto, 1331, A de 1854, pode ser afirmado que as crianças negras sequer podiam se matricular nem muito menos frequentar as escolas públicas nem privadas, essas práticas passaram-se para o Brasil colonial, e infelizmente se encontram até nos dias de hoje, pois atualmente as crianças negras podem se matricular e frequentarem as escolas, mas não podemos deixar de citar que esses pequenos ainda sofrem com os preconceitos ou exclusão por um amiguinho, professor, auxiliar de escolas ou em meio à sociedade no modo geral.

Isto é muito triste, numa sociedade antenada, conectada com as redes sociais, que divulgam campanhas contra essas práticas, ainda existir discriminação para com uma pessoa por conta do cabelo, por conta da cor da pele, da cultura ou religião.

É muito comum ver nas televisões denúncias que alguns pais fazem e contam relatos que suas crianças sofreram preconceitos, escutam piadas de mau gosto, enfrentam xingamentos e apelidos pejorativos. Na Paraíba, são frequentes: “cabelo de buxa”, “nego do sabão”, “nego tizil” etc. Tudo isso leva a criança a pensar que é a criança branca, o único modelo de ser bonita, que o cabelo liso é o mais belo. O pior que é essas situações aberrantes tem acontecido principalmente nas escolas onde elas estudam. Então há uma pergunta que não quer calar e quer gerar assunto para bastante discussões. Porquê isso ainda acontece? E não é o dever das escolas fazer com que isso seja desconstruído?

Então, dessa maneira é possível ver que o racismo, está diretamente ligado às práticas de preconceito racial, pois se analisarmos, conseguimos associar que, racismo é um dos produtos do preconceito, o qual, está relacionado a não aceitar outras etnias que não sejam as brancas. É o preconceito racial.

Apesar de existirem outros tipos de preconceitos: contra homossexuais, que culmina na homofobia; contra o morador de zona rural; pessoas que não suportam estrangeiros e também o bullying, todos as formas de preconceitos podem gerar coisas bem mais sérias, porque vai para o lado da violência, seja física, psicológica, ou moral.

Dessa forma, o racismo tem sido um grande problema que a sociedade brasileira, tem enfrentado desde sempre, e por mais que se tenha trabalhado para conterem estas situações, ainda sim isto é um grande problema que persiste e priva muitos brasileiros de se livrarem destes atos, e o caso ainda é mais problemático quando acontecem nas escolas. Na escola embora que a criança não saiba o que está fazendo, o profissional da educação muitas vezes não está preparado para mostrar a criança de maneira certa que o que a mesma fez não está correta.

Vale ressaltar que o racismo é apreendido na sociedade, assim, ninguém nasce racista, essa pratica a criança vai aprendendo de alguma forma até se tornar um adulto racista, preconceituoso, mas isso só vai acontecer se as escolas deixarem, se as famílias deixarem também. Apesar de estarem juntos, há diferença de definição entre o racismo e o preconceito.

Preconceito é uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade, tornando-se uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido, também, como uma indisposição,

um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos.

Aqui está uma lista de alguns preconceitos clássicos, que estão bem inculcados em nosso cotidiano:

“Toda sogra é chata”
 “Todos os homens são fortes”
 “Toda mulher é frágil”
 “Todos os políticos são corruptos”
 “Toda criança negra vai mal na escola”
 “O negro é burro”
 “Mulher bonita é burra”

Com base em estereótipos, as pessoas julgam as outras. Por isso o preconceito é um fenômeno psicológico. Ele reside apenas na esfera da consciência e/ou afetividade dos indivíduos e por si só não fere direitos. Ninguém é obrigado a gostar de alguém, mas é obrigado a respeitar os seus direitos (Conselho Estadual da Condição Feminina, 1994, p. 2 apud SANT’ANA, 2005, p.62)

Como se vê no texto de Sant’Ana 92005,p.62) a exclusão da pessoa, a negação dos seus direitos é feita pelo preconceito, unido ao estereótipo e no caso do povo negro, gera o racismo.

A discriminação, é uma atitude que atormenta as pessoas que sofrem com esta prática; a mesma consiste em inibir alguma pessoa de usufruir de seus direito, causando-lhes transtornos, e desconforto, principalmente quando fazem isso por conta do seu tom de pele, seu tipo de cabelo, seus traços físicos (o nariz, os lábios etc) , as práticas religiosas relacionadas com os elementos africanos.

Todavia, embora não sejam apenas os povos negros que sofrem, praticas discriminatórias, preconceituosa, acreditamos que os menores, as crianças de cor negra, são as mais penalizadas por tais práticas, porque são necessitados de proteção e não sabem se defender.

Outros grupos vítimas de preconceito, racismo e discriminação, todavia o peso maior com relação ao preconceito é no caso de ser negro. No caso de ser negro e obeso ou idoso, o preconceito aumenta. Dessa forma afirma Tejo.

[...] Deriva, portanto, de várias fontes: algumas procedem de situações puramente históricas, outras são de explicações geográficas, algumas vezes com referencias á riqueza da terra, em outro casos, conectadas com meios de comunicação, ou por questões culturais ou comerciais. [...] (TEJO, 1988 p.20).

Por força da atuação de algumas instituições sociais as pessoas afrodescendentes, negras são obrigadas a negarem a sua origem, esquecerem que são afrodescendentes, pois processando a negação estão negando aos seus próprios antepassados, e a si mesmos, e principalmente aqui no Brasil a maioria do povo tem sangue e a genética dos negros, de indígena e branco. Mas apesar dessa composição genética variada, quem herda a aparência física negra, sofre como pessoa negra.

Assim, não basta serem preconceituosos, mas passam esta cultura, para as crianças que são um ser em fase de construção da sua própria identidade e estão sendo preparadas para olharem para as outras pessoa, conforme a citação: “A história e a educação do negro não se restringem à população negra, pelo contrário, diz respeito a todos os brasileiros, pois todos devem educar-se como cidadãos atuantes em uma sociedade multicultural”. (SILVA, 2009, p. 42)

Todos nós temos direitos, principalmente à saúde, alimentação, moradia e educação, mas foi justamente tudo isso que foi negado ao povo negro, principalmente um bem maior, que é estudar, conhecer as letras conhecer os números, aprender a juntar letrinhas por letrinhas e formar as palavras, isso durou muito tempo até que o povo negro pudesse frequentar as escolas. É importante ressaltar que:

[...] entendemos que a educação não acontece somente na escola, mas no âmbito familiar, na comunidade em que vivemos nas ruas, lugares que se frequentam, dentre outros. E, em todos esses lugares, deve-se respeitar cada um como ele o é, não fazendo diferenciação por cor, raça, sexo ou religião. (BRANDÃO,2005) apud LIMA, 2011).

3 FAMÍLIA E ESCOLA JUNTAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE POSITIVA DA CRIANÇA.

A princípio percebemos que ambiente familiar é um maravilhoso espaço para que as crianças consigam enxergar que nem todo mundo é igual, e os pais deve mostra a sua criança quem ela realmente é sua descendência de onde veio sua cor seu cabelo e sua cultura, é importante dizer a criança que herdamos cor dos olhos, traços físico de algum familiar, como avô, tio distante, pois a criança desde pequena já vai começando a entender algumas coisas e os pais são responsáveis por começar a construir em seus filhos a sua identidade de criança negra.

A partir do momento que os pais começam a orientar os seus filhos e lhes certificarem de que ser negra não é defeito, que cabelo crespo é um dos tipos de cabelos, assim como existem os cacheados, os ondulados e também os lisos é importante que os pais deixem evidente para seus filhos que não há ninguém igual ao outro, porque existem muitas pessoas, que possuem traços físicos diferentes assim é importante afirmar que há crianças que tem olhos arredondados, outras crianças que possuem olhos puxados, uns são brancos, outros são negros. Essas explicações prévias irão facilitar a criança a aprender a se defender diante de situações desagradáveis.

Os pais das crianças devem comprar brinquedos que as crianças se identifiquem, tipo as bonecas de cor, a criança nunca vai saber se valorizar e se identificar como negra se não falarem a ela, e os pais dessas crianças são as melhores pessoas para e tem o papel fundamental de desconstruir a ideia que as pessoas negras não são inferiores aos demais povos, que os mesmo tem sim seu valor.

Pois em primeiro lugar são os familiares, os responsáveis para começar a levar a criança a se ver da melhor forma e a si valorizar, e depois a comunidade escolar que precisa mostrar para as crianças a cultura da valorização do ser e de sua própria identidade, ensinar a ter respeito pelo outro, aceitar que o outro é diferente sim, mas que isso não os impede de fazer amigos e brincar com as crianças, é o dever das escolas fazerem as pessoas enxergarem que somos diferentes fisicamente, como agimos, mas que temos os direitos iguais.

Mencionar para as crianças que o povo negro é a raiz da nossa origem, e por isso que somos descendentes dos mesmos, e tudo o que comemos, ouvimos vestimos fazem parte

dessa cultura, afro-brasileira e que se os negros não tivessem lutado com garras, e força hoje não saberia de nossa origem, que é a matriz africana, que além de sermos brasileiros somos também afro-brasileiros. O que significa dizer que o povo brasileiro é formado povos indígenas e brancos, o que resultou na miscigenação, de todo o povo. A miscigenação brasileira foi uma situação que não pode ser desconsiderada, mas socialmente não há reconhecimento positivo.

3.1 - A ESCOLA: um dos melhores espaços para desconstrução do racismo, do preconceito e da discriminação.

Então é na escola que as crianças começam a se desenvolver intelectualmente, fazem amizades, brincam e descobrem coisas novas, mais assim como acontecem o conhecimento e também na mesma que se iniciam algumas situações e práticas de racismo, exclusão dos coleguinhas, e tanto os professores como funcionários a escola no modo geral precisam estar preparados para reagir da melhor forma quando presenciarem cenas preconceituosas de um aluno para com o outro por conta que a criança não é branca, e saber corrigir, mostrando aspectos concretos, para que as crianças saibam tirar conclusões de que o que fez não está correta.

E uma forma de distinguir o preconceito, o racismo e a discriminação, é preciso de um conjunto de coisas que façam realmente sentido para as crianças, pois começando a falar mais nas escolas, do povo negro e de suas lutas, quem foram esses povos tão excluídos e humilhados pela sociedade, valorizarem a cor, dizer que é bonita seus valores, valorizar o cabelo, falar que não existe o cabelo ruim, mas falar que existem vários tipos de cabelos, dessa forma já vai estar reforçando para a criança aquilo que seus haviam falado, pois é papel dos educadores procurarem livros didáticos e paradidáticos que mostrem uma boa imagem do negro como eles realmente são e não como os brancos fizeram acreditar que eles são.

Neste sentido, os preconceitos e as discriminações raciais produzidas por meio das relações entre educador/criança, criança/criança, funcionário/educadores, funcionário/crianças, funcionários/funccionários, principalmente, pelas imagens e conteúdos que são transmitidos por meio de recursos utilizados na instituição (revistas, Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI), livros didáticos e paradidáticos...), em especial ao que diz respeito ao Ensino Fundamental, na maioria das vezes, reforçam a imagem inferiorizada do negro, do índio, mostrando o branco como superior aos demais, o que poderá resultar, futuramente, nas vidas dessas crianças, em fracasso escolar, marcando-as para o resto de suas vidas. (LIMA, 2011,p. procurar)

Dessa forma concebemos que o espaço escolar, como um dos melhores espaços para que ocorra o conhecimento, e mostra que devemos valorizar e respeitar que o outro não igual a nós e “reforçar as diferenças estabelecidas socialmente entre as diversidades culturais, ou seja, entre negros e brancos, crianças de religiões diferentes, países, possibilitando que novas relações sejam construídas paulatinamente”. (LIMA, 2011).

Então desse modo, consideramos que o profissional da educação é uma figura importante que pode fazer com que haja desconstrução na escola dessa má imagem que as pessoas adultas têm do negro, e repassam esse mesmo conceito para os pequenos, pois muitas crianças se inspiram e se espelham em seu professor e até os imitam, porém acreditamos que se o professor começar a propor aulas que resgatem a histórias do povo negro na África, buscando mostra as culturas as valorizando, ressaltando que os mesmos são um povo forte, que lutam pelos seus ideais para que os demais povos os valorizassem que os negros não desistiram em momento algum, que eles apenas foram vítimas dos povos brancos, de maneira que foram massacrados por eles.

Os trabalhos que os educadores podem fazer com as crianças possibilitarão e evitarão a interiorização de comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias contra os negros. Faz-se necessário que os educadores trabalhem com ações que levem as crianças a entender a aceitação positiva e valorizada das crianças negras no seu cotidiano, afirmando seu processo de convivência e socialização. (LIMA, 2011).

Mas o problema é que as escolas só procuram lembrar-se do negro em datas comemorativas, e passam as aulas da pior maneira, porque não procuram pesquisar mais da cultura negra, e só falam sobre o que os livros didáticos apresentam mostrando os negros lhes diminuindo. Então como a criança que tem uma imaginação fértil acredita nos super-heróis, e nas pessoas vencedoras vão querer se parecer com pessoas fracassadas?

Cabe, ao educador contribuir procurando introduzir nas leituras, os contos africanos para desconstruir essa imagem negativa, que muitos ainda tem a respeito das pessoas de cor negra, e também a criança pequena comece a enxergar seus próprios povos com outros olhos e possa se defender, daqueles que ainda não conhece suas culturas e passe a se identificar como crianças negras. Sendo assim fala o autor que é importante que sejam os familiares, os primeiro a se trabalhar na criança quando ocorrer situações constrangedoras de racismo ou pré-conceito.

Trabalhar com a socialização de crianças de zero a cinco anos é trabalhar com a etapa fundamental e inicial do desenvolvimento humano. A educação recebida pela criança na instituição educativa é significativa para o seu desenvolvimento futuro como sujeito social, porém, essa socialização deve ocorrer primeiramente em uma tarefa familiar. [...] (LIMA, 2011)

A criança negra só passará a se identificar de forma positiva, por meio de vários aspectos que os professores, familiares e amigos lhes falarem ou mostrarem, é muito difícil para a criança quando a mesma se depara com situações que acontecem no cotidiano, como uma criança negra ou outra que não é por meio da brincadeira a criança não deixar brincar com tal brinquedo, isso são consideradas situações desagradáveis para a criança negra, quando um coleguinha a exclui da brincadeira por conta do cabelo, por exemplo, é aí onde entra função do professor que irá trabalhar a construção da identidade dessa criança, de maneira que o educador fará sua intervenção, mencionando que antes de tudo temos que respeitar nossos colegas, que a cor de pele não define quem somos, e o mais importante todos temos direitos tanto a brinquedos como à brincadeiras.

Muitas crianças sofreram e algumas sofrem até nos dias de hoje nas escolas, com situações corriqueiras de discriminações e pré-conceitos, e se a mesma não tiver um porto seguro, tipo o apoio de seus pais, não vai querer voltar às escolas, por isso que o profissional da educação é importante, pois ele tem a função além de mediar o conhecimento tem também a de está atento á essas cenas que vão ocorrendo, prestar mais atenção se todas as crianças estão brincando ou tem algumas delas que não está participando das brincadeiras, se a criança lidera alguma, brincadeira, até porque tem momentos que o próprio professor se omite diante da criança finge que ali não aconteceu nada, e a pessoa pequena sofre tal pratica está até cansado de falar para o professor da sala e o mesmo, não se preocupa em contornar a situação e simplesmente se cala.

Mas enquanto as escolas ficarem com ressalva a trabalharem os assuntos éticos raciais, e se quer ou não lecionar, aulas do ensino da história e da cultura afro-brasileiras o pré-conceito e o racismo a discriminação irão existir e frustrar várias crianças que por conta que seu cabelo é diferente do outro e suas coleguinhas fazem piadas, lhes falam mal, lhes dizem

coisas, desagradáveis, serão mais uma criança que não quer ir à escola por que é diferente e os outros alunos não sabem respeitar as diferenças.

O que está faltando é fazer valer a lei de nº 10.639/03 que obriga, o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, é fazer com que esta lei esteja sendo cumprida nas escolas de maneira que os docentes comecem a lecionarem a aulas que mostra a cultura do povo negro da maneira que eles, merecem, para que as nossas crianças passem a serem sabedoras que foram dos negros que herdamos boa parte de toda a cultura que conhecemos e que vivenciamos, que as brincadeiras que eles brincam fazem parte desta mesma cultura, a comida que nos alimentamos foram eles que nos ensinaram a cozinhar, e muitos outros aspectos de nosso povo, mas isso não parece ser uma tarefa tão fácil assim como menciona (SILVA, 2009, p.7)

A Lei 10.639/03 supõe inúmeros desafios para a sua implementação. Ela não é de fácil aplicação, pois requer uma nova política e formulação de projetos no sentido de promover e valorizar a história e a cultura do povo negro. Assim, no ano de 2004, o Conselho Nacional de Educação aprovou o parecer – CNE/CP 1/2004 – que propõe as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africanas e Afro-Brasileiras a serem executadas pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis e modalidades, cabendo aos sistemas de ensino, no âmbito de sua jurisdição, orientar e promover a formação de professores e professoras e observar o cumprimento das Diretrizes. Este parecer é mais uma contribuição para o reconhecimento dos direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como para a valorização da diversidade, do que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. (SILVA,2009, p.42)

A partir do momento que esta lei esteja sendo implementada em todas as escolas, é mais uma chance que o povo negro tem para mostrar, que também são pessoas de direitos, e que as crianças negras tem direito esclarecimento sobre sua matriz, e a valorização da mesma, que nem tudo que o branco diz que é, é realmente verdadeiro. Que essa não aceitação vem de uma cultura construída pelo povo branco, que por sua vez fez com que outros povos olhassem para o negro como abominação lhes mostrando que o negro, não presta, a não ser lhes servir, porem enquanto este assunto não for discutido nas escolas, muitas pessoas terão a mesma visão do negro, e irão continuar lhes humilhando, discriminando, fazendo piadas chatas, os excluindo do resto da sociedade.

Acreditamos que o conhecimento evidencia a pessoa, e a mesma obterá opiniões e conceitos sobre tais coisas, e onde acontece o conhecimento formal são nas escolas, sejam elas públicas ou privadas, mas se as mesmas se omitem a passar este conhecimento, porém sim fica difícil, de desconstruir esta visão que foi designada para diminuir o valor que tem o povo negro, e dessa maneira como o restante das pessoas vão ser sabedoras da força do mesmo, só lembrar do negro em data comemorativa não constroem conhecimento, mas conhecer a historia de Zumbi dos Palmares, quem foi Dandara, e muitos outros conhecimentos negros para mostrar quem realmente é o negro.

4 - A ESCOLA MUNICIPAL EDUCADOR PAULO FREIRE E A TEMÁTICA ÉTNICO-RACIAL

Esta pesquisa foi realizada, na Escola Municipal Educador Paulo Freire, situada na zona rural, em uma comunidade quilombola, no município de Dona Inês foi fundada no ano de 1999/ 2001, assegurada pelo decreto 652, de 19 de abril, 2001. Esta unidade de ensino foi construída para suprir as necessidades das crianças, que moram na comunidade, e fazer cumprir a lei que dá direito a criança a ter escola perto de sua residência. A escola ganhou este nome por conta do mestre Educador Paulo Freire.

No ano de 2001, frequentava-se a escola 57 alunos, que cursavam do 1º ao 5º ano do ensino fundamental 1, atualmente estão matriculados 27, no ensino regular 27 alunos nos turnos da manhã e tarde, sendo que no horário da manhã funciona apenas o ensino infantil, PRÉ 1 E PRÉ 2, e no horário da tarde estudam 17 no Fundamental 1, é turma multisseriadas e os alunos, são do 1º ao 4ºano, as idades das crianças são de 4 a 11anos.

A escola é dividida fisicamente, em 2 salas, 1 cozinha, 1 refeitório, 2 banheiros, 1laboratório de informática, 1 secretaria, 1 área de lazer aberta, a escola não oferece nenhum perigo aos alunos.

O corpo docente é formado por apenas um professor do gênero feminino, que leciona de manhã e tarde, a mesma já faz 10 anos que trabalha na escola, possui formação em História e pós Graduação em História da África, em História do Brasil, e Educação Especial.

Ao observar a escola, foi possível identificar que existem muitos cartazes, mas ao percebermos, vimos que em nenhum possuía imagens de crianças negras, ou que evidenciassem as mesmas.

Em uma entrevista com a professora, perguntamos:

Como é que acontece o trabalho na escola? E a resposta apontou: “trabalho o livro didático, mas não tudo, porque o que tem no livro, pois o mesmo não supriu as necessidades dos alunos, e mostram as pessoas negras, de um modo muito negativo, onde os apresentam como escravos todos acorrentados”.

À interrogação se trabalhava com vídeos, a resposta foi que “ sim, e com histórias digitalizadas, para os alunos maiores, que já sabem ler, porque vou passando e eles vão acompanhando fazendo leitura.”

O trabalho com histórias-infanto-juvenis foi afirmado: “sim procuro trabalhar a temática utilizando livros paradidáticos com contos africanos.”

Com relação aos conteúdos com a temática afro-brasileiros, a afirmativa foi dita.

Perguntamos se tem censo escolar por cor? Quais são? Quantos são? A professora respondeu que “esta questão ainda está em processo de identificação, pois muitos não se identificam como negros, e tampouco afro-brasileiros, pois até quando foi preciso fazer o cadastro do programa bolsa família, quando se perguntava, qual a sua cor eles diziam que eram morenos ou morenas.”

Em conversa com a professora, ela havia me falado que assim que veio para trabalhar, na comunidade vem tentando, desconstruir principalmente nas crianças de que o branco é o mais bonito, que o cabelo liso é bom, o crespo é ruim, pediu que as mães começassem a fazer trancinhas nos cabelos das meninas, usar fitinhas, tudo o que pudesse evidenciar a beleza das crianças, chamou as mães e pediu que começassem a se tratar pelo nome e não por “neguinhos” como costumam se chamar, embora seja bem natural este termo entre eles, mas havia momentos em que na sala de aula acontecia uma ponta de preconceito, de forma que não passava despercebido, do tipo, quando uma das daquelas crianças se sentia desapontadas, e se expressavam “não quero brincar mais com você seu neguinho”.

A partir da visita a escola foi dada a oportunidade de ver, a sala a qual a professora dava aulas, a convite da mesma, pode constatar que se trabalha nesta escola, a temática afrodescendente, por meio do acervo de livros, que se encontrava lá, nas prateleiras dentro da sala, porém não se tem biblioteca, havia bastantes livros, para todos os gostos, inclusive encontramos livros paradidáticos que contava histórias que continham personagens negros.

Um dos livros vistos lá, “Do que são feitos os heróis, uma história de racismo”. Do autor Fábio Gonçalves Pereira. Este livro tem o papel de mostrar, como o racismo acontece, então há alguns questionamentos, como, o que uma pessoa precisa para ser herói? Coragem? Sabedoria? Força? O livro conta a história de um menino comum que mora com os pais e sofre com brincadeiras de mau gosto, preconceituosas, dos meninos da escola. Então o

menino João procura saber da origem de sua história, com sua avó, e por meio deste descobrimento, passa a enfrentar as dificuldades e se valoriza.

Também foi encontrado lá, estava o livro, de “Nerina a ovelha negra, uma história sem palavras”. Da autora Michele Lacoca, Recomendado para crianças de educação infantil, pois é especialmente para crianças de 3 a 4ano de idade, é um livro que possui apenas imagens, o que propicia as crianças, a incentivar a imaginação, na descrição deste livro diz que (Nerina em italiano quer dizer negrinha). Este livro conta a história de uma ovelha que quer fazer parte do rebanho, mas as outras ovelhas, todas eram brancas, e não queriam que Nerina fizesse parte da família, então Nerina segue outro caminho e encontra o lobo que a convence de atrair as outras, para que ele possa devorar a todas, mas Nerina prova que é uma ovelha boa, e que ser diferente fisicamente, não impede de ajudar.

“Só um minutinho, um conto de esperteza” é mais um dos livros encontrados nas prateleiras da escola, este livro é uma tradução de Ana Maria Machado, a capa é toda ilustrada com personagens negros, o mesmo conta a história de uma vizinha, que recebe a visita da morte disfarçada de um esqueleto, que veio para levá-la, mas esta avó era muito esperta, e adia sua partida, arrumando coisas para uma festa de aniversário, e pedia-lhe para esperar só um minutinho.

Outro livro superinteressante, que estava lá também, “Tanto, Tanto”, que conta uma história de uma família afro-inglesa, que se reúnem, vão chegando um a um e querem afagar e abraçar o bebê, e no final o pai chega, para uma surpresa organizada por sua família.

Ao analisar as prateleiras que continham todos esses livros, pensei que é bem interessante, mas também foi possível perceber que ainda é muito pouco, pois deveria ter mais, existem muitos outros livros de literatura e contos infanto-juvenis, como “O Cabelo de Lelê”, “ o Menino Marrom”, “Lindara, Bruna a Galinha D’Ángola”, “Menina Bonita do Laço de Fita”, “Venha com Bintou, Conhecer a Literatura Afro/brasileira”... “Luana a Menina que viu o Brasil neném”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O povo negro viveu 388 anos na forma da escravidão. Passou pelos mais diversos sofrimentos desde a captura no continente africano, a escravização, torturas e até assassinatos. Sua trajetória ficou historicamente marcada e lembrada até hoje por esses atos de crueldade. E este povo vem resistindo e a educação é uma das que contribuem para o rompimento de situações tão perversas.

Muitas pessoas não negras compreendem a história do povo negro, muitos defendem, fazem campanhas, movimentos para tentar acabar com a desvalorização, e preconceito para com esse povo tão guerreiro. Mas pena que ainda existem pessoas ignorantes e racistas, que não se respeitam e muito menos ao povo negro. E isso é encontrado nas escolas brasileiras.

Este Trabalho de Conclusão de Curso vem contribuir para ressaltar esta opressão histórica, inclusive na escola e também mostrar que no ano de 2003 foi sancionada a Lei 10.639/03 que criou esperança para o combate ao racismo e para o aumento da auto estima da população brasileira.

Também é importante ressaltar que a desconstrução de práticas racistas possa ocorrer no seio da família e na escola e para isso é importante que haja nessas duas instituições, pessoas com reconhecimento e resistência ao racismo existente no Brasil.

Portanto, a finalidade desse trabalho, é direcionar o olhar das pessoas para enxergar que em meio à época em que vivemos, ainda há práticas de preconceito, racismo e discriminação e tanto poder negativo sobre as pessoas de cor, e assim afligem muitas delas, pois isso não era para existir mais, coisa como estas eram para serem extintas, da sociedade.

Podemos afirmar que somos todo um povo só, que é a espécie humana, porém (formato e cor dos olhos, tipo de cabelo, forma de nariz), são apenas características próprias dos seres humanos, e se da por meio do lugar em que habitamos isso o que deveria ser mais esclarecido em aulas ministradas pelos educadores, ou dita pelos pais aos seus filhos. Pois vos consideremos fatores importantes para combater tais absurdos. Além dos pais e educadores todos no modo geral podem ajudar, sendo assim contamos com outros fatores.

E assim, seguindo a linha de pensamento dos autores, se a lei diz que, quem comete discriminação, irá responder pelos seus atos de alguma maneira, e se fizer cumprir, pois que as pessoas que sofrem possam denunciar os crimes que sofrerem, para que demais pessoas vejam o exemplo e também não sofram mais em silêncio, e que em caso da criança que não sabe se defender que seus pais tome posição e não deixe de graça. Mesmo que isso seja

situação que constranjam, porque terceiros ficam sabendo do caso, é bom que mais pessoa saiba e procurem seus direitos.

As vítimas de tirocínios discriminatórios devem ser conhecedoras de seus direitos, e saber que essa mesma prática deve ser banida da sociedade, e isso é uma tarefa para todos, não só para quem sofre, mas também para quem assistem cenas de racismo, como também educadores familiares, que devem construir a identidade positiva da criança negra, as protegendo utilizando os direitos da igualdade, os fazendo serem cumpridos, juridicamente.

E ainda fazendo uma menção ao que os autores, nos falam é necessários medidas que possam devolver as pessoas de cor negra dignidade, e que isto seja reconhecido por todos, que sue direitos sejam garantido, iguais ao de todos. Direito a estudar, direito de trabalhar, sem olhares tortos, e piadas desagradáveis. Pois não sermos iguais fisicamente é fato, mais temos os mesmos direitos, os quis precisam ser respeitados e assegurados.

Então o fato é que isso não pode acontecer mais, ou seja, é inadmissível que pessoas entendidas, ainda pratiquem racismo, discriminação, ou ate mesmo preconceito, nos dias de hoje, de modo que se tem acesso a televisão, a internet que mostram vários casos de pessoas vítimas de alguma pratica, pois o povo negro precisa ser evidenciado nas aulas ministradas pelos professores nas escolas, as crianças precisam aprender a respeitar as diferenças do outro, e isso pode ser começado no seio familiar e lapidado na escola com aulas que fale dos contos africanos, como este povo viviam, e que ate hoje são pessoas vítimas da crueldade de outras, que se acham superiores e impõem isto aos demais, a partir de criticas.

E dessa forma, para combatermos, isto devemos selar parcerias, entre familiares e profissionais da educação, com o intuito de desenvolver atitudes corretas, que mostrem a nossas crianças de cor negra que ser negro é mais uma qualidade para se ter orgulho, e não um defeito, que os brancos os fizeram acreditar que era. É importante que todos possam contribuir, para desconstruir o que se fixou-se no passando, embora seja uma das tarefas difíceis de realizar, mas não será impossível.

Vale ressaltar, que os profissionais da educação, precisam fazer mais leituras com relação ao povo negro, para que possam dar aulas com propriedade, pois racismo, preconceito e a discriminação, são praticas vivenciados, por muitas pessoas, muitas das vezes dentro da escola, na sala de aula, e o professor ele precisa está preparado para combater essas coisas, e saber lidar, pois não se deve calar-se pois o silencio de um educador diz muito, e se calar com esta situação delicada é o mesmo que praticar de forma indireta, causando transtornos aos pequenos.

O professor deve entender que para a criança pequena, ele é melhor exemplo, de maneira que muitas desses pequenos menores desejam, ser como eles quando crescerem, e para a criança é um choque quando ela fala que o colega falou algo desagradável a respeito do cabelo, e o professor não se manifesta, ao menos dizendo que aquilo não é certo, no mínimo a mesma vai se sentir inferior aos demais.

Então, percebemos que é na escola que se acontece o aprendizado, principalmente nos anos iniciais, onde provavelmente, muitos não esqueceram o que aprenderam, pois é bem compreensivo que se tenha profissionais que esteja nos padrões para se trabalhar, com a construção da identidade positiva da criança negra, em meio as aulas, com temáticas, que faça a mesma se reconhecer diante da sociedade, sem receio e sem vergonha de ser perto, ter cabelos crespo e narizes, largos, o orgulho de se ver como é, é o que deve ser conservado.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Decreto nº 1331, A de 17 de fevereiro, de 1854. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_fontes/acer_histedu/decreto%20n.%201331.pdf Acesso em: 10 de novembro de 2016

FERREIRA JÚNIOR Amarílio ; BITTAR Marisa. Educação jesuítica e crianças negras no Brasil colonial. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, Brasília, v. 80, n. 196, p. 472-482, set./dez, 1999 Disponível em: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/007_armilio_e_marisa.pdf Acesso em: 13 de julho de 2016

LIMA, Thaisa de Oliveira. Sei que existe, mas não quero ver: o preconceito com crianças negras na educação infantil.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global 2006. Coleção para entender

SILVA, Sara Moitinho da. **A criança negra no cotidiano escolar**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC/Rio, Rio de Janeiro, 2009 Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp116419.pdf> Acesso em: 06 de novembro de 2016

SANT'ANA, Antonio Olímpio de. LOPES. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. p.39-68 In: MUNANGA, Kabengele.(org) **Superando o racismo na escola**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4575.pdf> Acesso em: 14 de novembro de 2016

TEJO, Célia Maria Ramos. Dos crimes de preconceito de raça ou de cor. Comentários a lei, 7.716 de 5 de janeiro d 1989. Campina Grande: EDUC , 1998.